

Mesa Redonda

Migrações internacionais no contexto da reestruturação produtiva

Dr. Fábio Kazuo OCADA

Dentre as inúmeras contradições agravadas pela reestruturação mundial do capitalismo, os processos emigratórios surgidos a partir de meados da década de 1980, atentam para o desenvolvimento, em escala planetária, de uma nova composição da classe trabalhadora, cuja característica marcante define-se pela intensa mobilidade imposta a este segmento, em razão das estratégias flexíveis de contratação da força-de-trabalho. Neste contexto, o trabalhador migrante torna-se uma mercadoria cuja transitoriedade torna-se ainda mais acentuada pelas formas precarizadas de contratação, sempre temporárias. Assim, sob condições historicamente determinadas, o trabalho funda uma existência essencialmente fragmentada. Sob a determinação da acumulação flexível do capital, a permanência autorizada a estes trabalhadores migrantes, na sociedade de destino, encontra-se subordinada a um estado permanentemente provisório. Cada vez mais, este tipo de força-de-trabalho deixa de ser complementar, para se tornar uma necessidade estrutural do processo de acumulação capitalista. Para assegurar os níveis de acumulação mais elevados, existe a necessidade de se importar trabalhadores provenientes de outras regiões. Desse modo, somente por meio da exploração de “viveiros de mão-de-obra”, existentes nas regiões periféricas do sistema, a reprodução ampliada do capital pode ser garantida. Numa economia industrial capitalista – onde o trabalho torna-se uma mercadoria, sendo reconhecido apenas sob a forma de emprego – o desenraizamento tende a destruir ou subordinar as relações sociais que não sejam relações capitalistas de produção, destruindo raízes, suprimindo tradições e tornando os nativos estrangeiros em sua própria terra. Entre as causas principais do desenraizamento, encontra-se a separação entre a formação pessoal, biográfica, e a natureza da tarefa; entre a vida aprisionada pelo trabalho estranhado e a vida familiar, de vizinhança e cidadania. As diferentes modalidades da produção em série, os processos de automação e de racionalização do trabalho, criam formas de adaptação desenraizadas. O trabalho estranhado, recordando uma reflexão desenvolvida por Karl Marx, em seus escritos de juventude, quando arranca do homem o objeto de sua produção, arranca-lhe sua vida genérica, estranha do homem a natureza e o homem de si mesmo, em outras palavras, estranha do homem o gênero humano. Por isso, o desenraizamento decorre do estranhamento do trabalhador em relação ao produto de seu trabalho; e, se a migração e o trabalho operário são desenraizantes, o desemprego constitui um desenraizamento ainda mais extremado. Este desenraizamento, inerente à condição social do trabalhador-imigrante, transcende a esfera do trabalho, recobrando todas as dimensões da existência do indivíduo e do grupo. Na relação do trabalho estranhado/alienado, cada indivíduo considera o outro segundo o critério e a relação na qual ele mesmo se encontra. É a alienação interna ao próprio sujeito, que está implicada em sua relação alienada com outros sujeitos. É a subjetivação do valor de troca operando como núcleo das relações intersubjetivas. No valor de troca, o vínculo social

entre as pessoas transforma-se em relação social entre coisas. Esse nexos social – o valor de troca – produz efeitos de um profundo desenraizamento sobre os indivíduos. Transforma a dependência pessoal em uma independência pessoal fundada na dependência com relação às coisas; numa dependência material em oposição à dependência pessoal. Esta independência é apenas uma ilusão que melhor seria designada como indiferença, mútua e generalizada. Por este motivo, dentre as inúmeras conseqüências sociais decorrentes dos processos migratórios, o desenraizamento encontra-se no centro do problema; tornando possível compreender, assim, a razão pela qual a luta contra o desenraizamento diz respeito aos movimentos operários e camponeses, contra as multinacionais ou contra as monoculturas, pela autogestão da indústria ou pela reforma agrária. O enraizamento talvez seja a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana; e uma das mais difíceis de ser definida. No processo de enraizamento, o trabalho desempenha papel ontológico central, pois um ser humano desenvolve suas raízes através da sua participação “*real, ativa e natural na existência de uma coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro*”. Por este motivo, o desenraizamento torna-se “*a mais perigosa doença que atinge a cultura*” (Weil, 2001, p.43).

Referências bibliográficas

- BOSI, E. Cultura e desenraizamento. In: **Cultura brasileira: Temas e situações**. Bosi, A. (org.). Ática: São Paulo, 2004.
- HEIDEMANN, Heinz Dieter. O migrante da racionalização global. In: **O fenômeno migratório no limiar do 3º milênio: desafios pastorais / Apresentação** Luiz Bassegio. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p.15-18.
- LUKÁCS, G. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem” In **Temas de Ciências Humanas**. São Paulo, Ed. Ciências Humanas, nº 4, 1978, p.8
- LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social: Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- MARTINS, José de Souza. O problema das migrações no limiar do terceiro milênio. In: **O fenômeno migratório no limiar do 3º milênio: desafios pastorais / Apresentação** Luiz Bassegio. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p.19-34.
- MARX, K. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. (Tradução e notas Jesus Ranieri) São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- SILVA, M. A. de M. **A luta pela terra: experiência e memória**. São Paulo: Unesp, 2004.
- SILVEIRA, P. Da alienação ao fetichismo – formas de subjetivação e de objetivação. In: SILVEIRA, P. & DORAY, B. (orgs). **Elementos para uma teoria marxista da subjetividade**. São Paulo: Vértice, 1989, Enciclopédia Aberta da Psique, p.41-76.
- WEIL, S. **O enraizamento**. Bauru: EDUSC, 2001.